



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Pornochanchadas e a erótica: perspectivas e subversões
<b>Autor</b>	EUGENIO HELYANTUS STUMM
<b>Orientador</b>	AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

## Pornochanchadas e a erótica: perspectivas e subversões

**Autoria:** Eugênio Helyantus Stumm/UFCSPA

**Orientador:** Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann/UFRGS

A pornochanchada é um gênero cinematográfico de grande sucesso comercial, a partir dos anos 1970. Ao misturar o humor debochado típico das chanchadas com elementos da pornografia, que neste gênero vai da mera sugestão ao sexo explícito, as pornochanchadas tiveram forte impacto na pedagogização da sexualidade de gerações, tamanha sua circulação. Neste trabalho, visamos investigar de que maneira a erótica, isto é, a moldura de gozo presente nas pornochanchadas brasileiras, é delineada, bem como suas implicações e subversões ético-estético-políticas. Para tal, usamos como abordagem metodológica a análise filmica psicanalítica, articulando a linguagem cinematográfica e reflexões acerca das singularidades com uma metodologia e po(i)ética psicanalítica. Nesse sentido, tomamos os conceitos de “*dildo*” e “prótese”, de Paul B. Preciado, para pensar a linguagem cinematográfica não somente como “prótese de sonho”, mas, sobretudo, como prótese contrassexual, na medida em que o cinema, por si próprio, também se (re)vela como produtor de próteses. Ao pensarmos a prótese cinematográfica como *dildo*, a partir do conceito de Preciado, não limitamos a possibilidade de um cinema-*dildo* como somente instrumento de gozo estético ou, em termos freudo-lacanianos, meramente sexual, mas também como potência contrassexual, isto é, como produtor ativo de corpos, órgãos e, não menos, *dildos*. Seguindo nossa proposição, destacamos a pornochanchada “Os rapazes das calçadas”, de 1981, de Levi Salgado. Nela, Lady Francisco, símbolo sexual feminino dos anos 1980, interpreta, por meio de uma performance de *drag king* (fato que só é revelado ao final do filme), Luís, um homem *gay* e machão de meia idade. Até o momento, a partir da análise de uma sequência de planos, formulamos a hipótese de que o corpo-espectador é levado a imaginar que existe, de fato, um pênis naquele corpo performado por Lady Francisco. Contudo, se é possível, por meio da linguagem cinematográfica, criar um pênis-*dildo* num corpo que, originalmente, não o possuía, quais outras formas de criação e subversão ela propicia? Poderia a linguagem cinematográfica devir, para além de potência para uma virada na concepção de corpo-*dildo* e *dildo*, também como *poiesis* de práticas contrassexuais? Haveria, no *dildo*-cinematográfico, possibilidade de superação das lógicas do falo como produtor de saber e prazer máximo? (Des)velar-se-ia, no cinema-*dildo*, potência na criação espaços para a diferença? A investigação de tais questões suscitadas, a partir das pornochanchadas, é o que visamos explorar agora neste trabalho.